

Ganhe uma cartela colecionável

ANIMAY



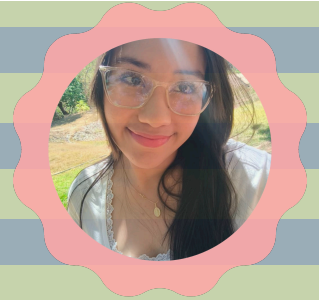
A filosofia japonesa nas obras Ghibli

Editorial



O Studio Ghibli sempre foi sinônimo de beleza e nostalgia, mas seu impacto agora transcende o entretenimento, pois a ciência comprova sua importância para o bem-estar. Um estudo exploratório, publicado na *National Library of Medicine* em 2025, confirmou o que os fãs já imaginavam, assistir aos filmes Ghibli está diretamente associado a uma maior felicidade e a um impulso na saúde mental de jovens adultos.

A pesquisa revelou que o consumo das obras atua como um catalisador de sentimentos cruciais, como exploração, calma, domínio e propósito. Os pesquisadores utilizaram uma análise rigorosa para testar como essas intervenções afetavam o bem-estar. A filosofia narrativa do estúdio, que encontra o extraordinário na vida cotidiana e a magia nos pequenos detalhes, se mostrou um poderoso antídoto contra o estresse.



A importância do Studio Ghibli vai muito além de sua excelência em animação. Agora validada pela ciência, ela se configura como uma ferramenta essencial na busca por uma vida mais feliz e com propósito. Consumir a arte Ghibli é um ato de autocuidado que merece ser celebrado. Por esse motivo, nesta edição especial sobre o estúdio, a revista *Animy* traz diversas matérias com temas relacionados aos filmes e personagens, carregadas de informação e sentimentalismo para que você conheça mais sobre o universo fascinante do Studio Ghibli. *Boa leitura!*

Expediente:

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Ana Flavia Mori - Diretora da Escola de Direito, Negócios e Comunicação
Sabrina Moreira - Coordenadora do curso de Jornalismo

Redação, edição, design e diagramação: Mariana Milioni
Ilustrações de capa e figurinhas: Catherine Moni
Professora Orientadora: Gabriella Lucciani

Sumário:

06. Linha do tempo Ghibli

08. Ghibli Fest 2025

10. As magias premiadas do Studio Ghibli

12. Filmes de Conforto

16. Conhecendo Sicília Vidal

20. Studio Ghibli X Inteligência Artificial

22. Resenha do filme Vidas ao Vento

24. Receitas Ghibli

26. A filosofia japonesa nos filmes Ghibli

46. Studio Ghibli X Signos

52. Filmes Ghibli para ver quando estiver...

54. Crônica: filme Porco Rosso

58. Aviso

Linha do tempo Ghibli

Reconhecido como um dos estúdios de animação mais renomados do mundo, o Studio Ghibli se popularizou ao redor do mundo com suas histórias envolventes e visuais únicos. Ao longo de quase quatro décadas de existência, o Ghibli conquistou fãs muito além das fronteiras japonesas, acumulou prêmios internacionais e deixou um legado memorável.

Nesta linha do tempo, reunimos os momentos mais importantes da história do Studio Ghibli, desde a fundação até o sucesso de seus filmes mais recentes, passando pela criação do icônico Museu Ghibli, que leva a magia da animação para a vida real.

Colaboração inicial:

1974

Hayao Miyazaki e Isao Takahata começam a trabalhar juntos em animação, percebendo que a produção televisiva impunha prazos apertados. Surgiu a ideia de criar um estúdio voltado à animação cuidadosa.

Fundação oficial:

Studio Ghibli é fundado por Miyazaki, Takahata, Toshio Suzuki e Yasuyoshi Tokuma.

Junho de 1985

Agosto de 1986

Junho de 2001

Primeiro longa-metragem:

Lançamento do filme O Castelo no Céu.

Sucesso internacional:

Lançamento de O Castelo Animado, indicado ao Oscar de Melhor Animação.

2001

2004

2012

Oscar de melhor animação:

A Viagem de Chihiro é lançado e, dois anos depois, recebe o Oscar, marcando a consagração internacional do estúdio.

Inauguração Museu Ghibli:

Localizado em Mitaka, Tóquio, o museu oferece exposições, curtas-metragens exclusivos, café, loja e jardins. Criado por Miyazaki, o espaço permite que os visitantes vivenciem a magia dos filmes do estúdio. Um ônibus temático leva os visitantes da estação JR Mitaka até o museu, reforçando a experiência imersiva.

Abril de 2018

Junho de 2023

Março de 2024



Aposentadoria de Miyazaki:

Vidas ao Vento vai ao ar, e o diretor decide anunciar sua aposentadoria.

Morte de Takahata:

Co-fundador do estúdio falece aos 82 anos, marcando o fim de uma era.

Lançamento de O Menino e a Garça:

Filme estreia no Japão sem campanha promocional e conquista grande sucesso de bilheteria.

Segundo Oscar para Miyazaki:

O Menino e a Garça ganha o Oscar de Melhor Animação, marcando a segunda vitória de Miyazaki.



Ghibli Fest leva fãs do estúdio aos cinemas de todo Brasil

O mês de setembro foi de felicidade para os amantes das produções do Studio Ghibli no Brasil. O país sediou a primeira parte do Ghibli Fest, um festival que trouxe de volta às telonas do cinema grandes clássicos do estúdio, em comemoração aos seus 40 anos de existência e às quatro décadas de distribuição da Sato Company no Brasil. O evento, que se estendeu por diversas cidades, exibiu 14 das 22 produções previstas para o total do festival, reafirmando o impacto e a força da comunidade de fãs das obras.

A programação da Ghibli Fest 2025 (Parte 1), que ocorreu de 18 de setembro a 1º de outubro, incluiu títulos famosos como “A Viagem de Chihiro”, “O Castelo Animado”, “Meu Amigo Totoro” e “Vidas ao Vento”, garantindo, de acordo com os organizadores do evento, sessões lotadas e grande repercussão nas redes sociais. A iniciativa permitiu que o público revisitasse as narrativas poéticas e a estética visual que tornaram o estúdio japonês um fenômeno mundial.

Em Goiânia, o estudante de engenharia elétrica Eduardo Henrique, 21, assistiu a “Vidas ao Vento” e “O Castelo Animado” e destacou o engajamento dos fãs. “O que me chamou mais atenção durante a semana em

que o evento ocorreu foi a grande repercussão nas redes sociais”. De acordo com Eduardo, o evento não foi muito divulgado pelas agências que sediaram as exposições, grande parte da divulgação foi realizada pelo público e foi por isso que ele quis comparecer.

Eduardo também compartilhou sua conexão pessoal com “Vidas ao Vento”, filme biográfico sobre Jiro Horikoshi. O estudante ressaltou que o instinto de busca por aperfeiçoamento do personagem principal lhe chamou a atenção. “Vi muito do meu próprio caráter nesse personagem. O sentimento que mais me afetou foi o de realização de Jiro, a conquista em saber que todo trabalho feito entregou um resultado satisfatório.”

Outra espectadora, a estudante de engenharia de software Aline Lima, 21, também presente em uma das sessões de “Vidas ao Vento”, comentou sobre o entusiasmo do público. “Me chamou atenção a repercussão dos filmes. Nós fomos assistir um filme na última sessão de um domingo, eu não esperava que a sessão fosse estar tão cheia.”

Aline, cuja animação favorita do estúdio é “A Viagem de Chihiro”, elogiou a diversidade da obra assistida. Para ela a história



seria mais voltada para o romance, mas se surpreendeu com a proposta diferente de Miyazaki ao abordar a bibliografia de uma personalidade que de fato existiu e foi importante para a história japonesa. A estudante considera o festival como um passo importante para que outras pessoas conheçam o trabalho do Studio Ghibli. “Achei que foi uma iniciativa ótima. Algumas pessoas que tenho convivência, por exemplo, nem sabiam o que era o estúdio ou não tinham conhecimento do quanto antigas são animações.”



O sucesso da Ghibli Fest no Brasil sublinha o carinho dos brasileiros pelo universo Ghibli e a relevância de levar animações orientais de qualidade para o circuito comercial. A expectativa agora se volta para a segunda parte do festival, em 2026, que promete complementar a retrospectiva com mais oito títulos inéditos nas telas nacionais, mantendo viva a magia do Studio Ghibli.

AS magias premiadas do Studio Ghibli ou quase...

Além do reconhecimento dos fãs, as obras elaboradas pelo Studio Ghibli também conquistaram o respeito de críticos do audiovisual. Premiações cinematográficas de alto prestígio, como o Oscar, não foram capazes de fechar os olhos quando o sucesso dos filmes (a maioria) dirigidos por Hayao Miyazaki chegaram ao ocidente. Quatro deles chegaram a receber estatuetas, enquanto outros chegaram perto, mas saíram apenas como indicados. Conheça agora um pouco dessa trajetória envolvente.

Os vencedores:



A Viagem de Chihiro
(千と千尋の神隠し)

2001, dirigido por Hayao Miyazaki

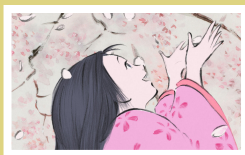
Venceu o Oscar de Melhor Animação em 2003, o Urso de Ouro em Berlim, em 2002, e diversos outros prêmios, coroado como o maior triunfo internacional da animação japonesa.



O Menino e a Garça
(= 君たちはどう生きるか)

2023, dirigido por Hayao Miyazaki

A conquista mais recente do Studio Ghibli, vencedor do Oscar de Melhor Animação em 2024, Golden Globe, BAFTA e diversos prêmios no Annie Awards, mostra que mesmo depois de anos a força de Miyazaki continua intacta.



O Conto da Princesa Kaguya
(竹取物語)

2013, dirigido por Isao Takahata

Recebeu o Mainichi Film Award, o Asia Pacific Screen Award e vários prêmios da crítica e público, como no Fantastic Fest e Mill Valley, provando que o Studio Ghibli encanta além das obras de Miyazaki.



Vidas ao vento
(風立ちぬ)

2013, dirigido por Hayao Miyazaki

Levou o Annie Awards de roteiro, o Japan Academy Prize de melhor animação e trilha sonora, além do prêmio de público no Mill Valley.

Quase chegaram lá...

ハウルの動く城



- 5 X

O Castelo Animado
2004 - dirigido por Hayao Miyazaki.

Indicado ao Oscar de Melhor Animação em 2006, perdeu para Wallace & Gromit: A Batalha dos Vegetais.

思い出のマーニー

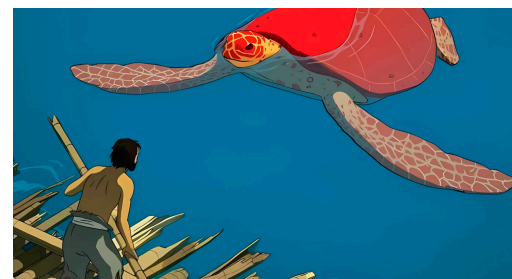
- 5 X

As Memórias de Marnie
2014 - dirigido por H. Yonebayashi.

Indicado ao Oscar de Melhor Animação em 2016, mas perdeu para Divertidamente.



La Tortue Rouge



- 5 X

A Tartaruga Vermelha
2016 - dirigido por Michaël Dudok de Wit
Um filme que surgiu de uma co-operação internacional com o Studio Ghibli e foi indicado ao Oscar de Melhor Animação no ano de 2017, mas acabou perdendo para Zootopia.

A magia característica dos filmes de conforto

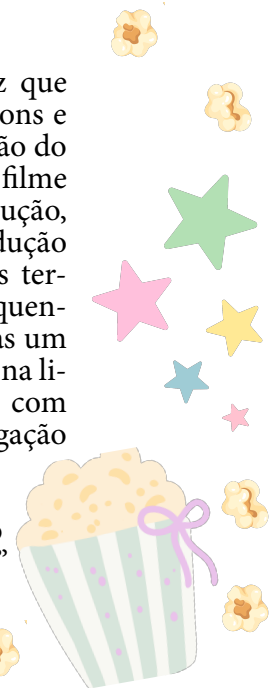
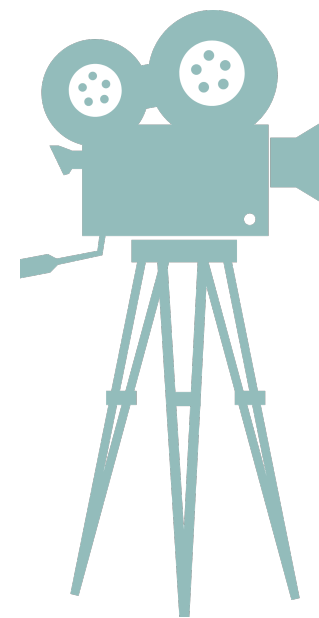
Você conhece o significado de filmes de conforto? De acordo com uma definição do Google, são produções cinematográficas que proporcionam uma sensação de segurança, familiaridade e bem-estar. Esses filmes são capazes de tocar uma parte sentimental de seus telespectadores, transformando-se em uma espécie de refúgio emocional para momentos estressantes e negativos.

Uma matéria publicada no site Tela Viva, em 2024, abordou essa temática em um estudo feito pela Globo e apresentado no Festival Acontece, intitulado “O Brasil e o Audiovisual”. A pesquisa tinha como objetivo identificar tendências para conectar profissionais do audiovisual com o público e, entre elas, se destacavam as “histórias inovadoramente familiares”, que unem formatos conhecidos a temas contemporâneos, transmitindo familiaridade, segurança e bem-estar emocional.

A pesquisa defende que, diante de um cenário marcado por desesperança e ansiedade, a nostalgia se destaca como demanda e, em 2023, foram mais de 1,7 bilhão de manifestações digitais ligadas ao tema, reflexo da busca por épocas mais simples e reconfortantes. A Tela Viva também apresentou alguns pontos de vista de especialistas da área, que concordaram que personagens reconhecíveis, humor leve, narrativas simples e desfechos positivos funcionam como um “porto seguro” para lidar com a realidade, especialmente em tempos de insegurança. A estudante de Publicidade e Propaganda Maria Eduarda Soares, 19, explica que a animação intitulada *Mulan*, uma produção da Disney, é o melhor exemplo de filme de conforto, pois a história tem diversos significados para ela, como lealdade, verdade e coragem. Rever o amadurecimento da personagem principal é o que mais lhe chama a atenção na narrativa, por criar uma sensação de identificação com a sua própria realidade.

Maria Eduarda também defende que, em sua visão, o fato de *Mulan* ser um filme animado ajuda e reforça a sensação de conforto. “Para mim, animações nos remetem à infância, e obras infantis têm esse poder de fazer com que olhemos com outra perspectiva (talvez uma mais profunda) depois que crescemos, sem contar a nostalgia que deixa tudo mais sentimental”. Seus tipos favoritos de histórias são aquelas com finais românticos, de superação e autoconhecimento.

Por fim, Maria Eduarda diz que a diferença entre os filmes bons e os de conforto estão na ligação do público com a obra. “Um filme bom tem uma boa construção, um bom roteiro, uma produção de qualidade, entre outros termos técnicos que consequentemente são avaliados. Mas um filme de conforto se apoia na ligação direta da produção com o telespectador, uma ligação particular, um filme onde genuinamente você se enxerga em algum aspecto ou momento da sua vida.”

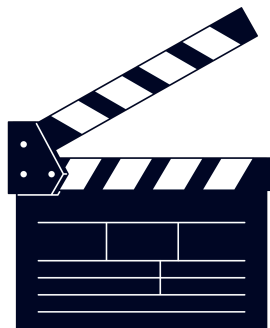


Já para a estudante de Jornalismo, Isadora Máximo, 21, o Studio Ghibli entra em cena quando o assunto é nostalgia e bons sentimentos. Ela destaca o filme *Ponyo: Uma Amizade que Veio do Mar* como um dos seus favoritos nesse sentido. Em sua percepção, tudo sobre a narrativa e a cinematografia a deixou maravilhada, principalmente as cores. O vínculo de amizade entre os personagens principais também foi um ponto forte para que ela voltasse a rever as cenas em busca de sentimentos positivos.

Em dias difíceis, quando Isadora busca formas de descarregar energias pesadas, assiste à produção do Studio Ghibli. “Quando estou com a cabeça cheia ou emocionalmente esgotada, *Ponyo* é o filme que mais me ajuda a me ‘limpar’. Ele me acalma profundamente. Mesmo que seja só durante o filme, é um alívio real”, diz. Ela ainda complementa que, comparado a outras animações, as características sempre presentes nas criações de Hayao Miyazaki, pai do Studio Ghibli, como a sensibilidade única no cotidiano retratado, também contribuem para a sensação de conforto. “Os filmes do Studio Ghibli conseguem ser extraordinários e, ao mesmo tempo, muito humanos, quase simples.”



A psicóloga Graziely Soares explica que essas obras funcionam como um lugar seguro para a mente. Para ela, o audiovisual pode servir como refúgio emocional e funcionar como um ato de autocuidado, assim como escutar uma boa música ou ler um livro querido. “Rever um filme de conforto ativa memórias positivas e produz sensação de acolhimento. É uma forma de autocuidado emocional.”



Para Graziely, determinados filmes, como os do Studio Ghibli, são vistos como conforto emocional devido a várias características. Boa parte delas se sustenta na estética, os elementos visuais leves, a paleta de cores menos vibrante e a trilha sonora feita para acalmar, quase como um fundo terapêutico, além de narrativas lentas e contemplativas. “Do ponto de vista psicológico, isso conecta a pessoa com sentimentos de pertencimento, segurança e simplicidade. É quase como se o filme dissesse: ‘a vida pode ser mais leve, mesmo nas dificuldades’. Por isso, muitas vezes o efeito é parecido ao de uma prática de *mindfulness*, porque ajuda a desacelerar a mente e a estar presente.”

Graziely também afirma que a nostalgia presente nessas obras pode ser vista como um forte recurso contra a ansiedade e argumenta que o consumo de filmes de conforto pode trazer diversos efeitos psicológicos positivos, quando não vinculados ao excesso. “Eles ajudam a regular emoções, reduzir estresse, promover bem-estar e até fortalecer vínculos sociais. São como pequenas pausas para respirar em meio ao caos.”



Na visão do professor Murilo Bueno, cineasta, publicitário, mestre em comunicação e doutor em performances culturais, os filmes de conforto se conectam à tradição do cinema clássico de Hollywood, pois são obras que oferecem ao espectador uma sensação de consolo e segurança, além de geralmente estarem atreladas à ideia de que no final vai ficar tudo bem. “Essa lógica confere um caráter moralizante, ao mesmo tempo em que transmite alívio diante das incertezas da realidade”, explica.

Para ele, tanto a narrativa quanto a estética desses filmes atuam em conjunto para despertar acolhimento no público. Todos os elementos presentes nas produções são pensados cuidadosamente para transmitir o conforto procurado pelo público. “A montagem clássica, a fotografia suave, a trilha sonora envolvente e a previsibilidade da resolução... Nesse

tipo de obra, a previsibilidade é parte da experiência, porque o público busca justamente esse lugar seguro.”

Ao mesmo tempo em que oferecem conforto, Murilo ressalta que esses filmes também cumprem uma função social, especialmente em momentos de crise. Funcionam como espaços simbólicos de refúgio e reafirmam valores de solidariedade, esperança e confiança de que o futuro será melhor. “Psicologicamente, ajudam na autorregulação emocional, permitindo que o espectador, ainda que temporariamente, encontre alívio para suas tensões.”

Assim, fica claro que o conceito de filmes de conforto transita entre a nostalgia pessoal, o acolhimento psicológico e a construção estética que guia emoções. Se para uns essas obras funcionam como lembrança da infância ou refúgio em dias difíceis, para outros representam uma pausa diante das incertezas da vida. Seja pela narrativa, pela estética ou pela memória afetiva, esses filmes mostram como o cinema pode ultrapassar o entretenimento e assumir um papel essencial de cuidado e acolhimento em tempos turbulentos.



Conhecendo

Sicília Vidal

a voz da inesquecível bruxinha Kiki

Sicília Vidal é uma atriz e dubladora de 23 anos conhecida por dar voz a diversos personagens fictícios. Um de seus principais trabalhos foi o de interpretar Kiki, a protagonista do filme “O Serviço de Entregas da Kiki”, do Studio Ghibli. Ela começou sua jornada artística pelo teatro e iniciou na dublagem muito jovem, aos 4 anos. Seu primeiro trabalho foi aos 5 anos, dando voz à Boneca Baby Alive (primeira versão de 2006). Desde então, a dublagem se tornou uma de suas maiores realizações. Nesta entrevista, Sicília Vidal compartilha os desafios e aprendizados constantes da profissão, enfatiza o papel fundamental da dublagem na cultura brasileira e, principalmente, revela a honra e o crescimento pessoal ao dar voz a uma das personagens mais icônicas do Studio Ghibli.



Existe alguma preparação especial antes de dar voz a um personagem?

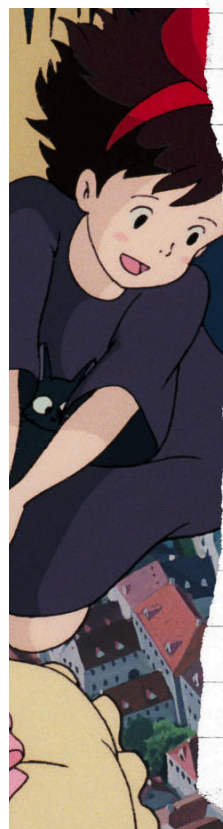
Não existe uma técnica específica antes de dublar algum personagem, mas eu sempre gosto de aquecer a voz. O aquecimento previne que você não machuque as cordas vocais. Durante as gravações, conforme a interpretação, a entonação da voz também muda, sendo mais adequado ter as cordas vocais preparadas para isso.

Como você enxerga o papel da dublagem hoje, especialmente em produções de grande alcance como os animes do Studio Ghibli?

A dublagem tem um papel fundamental na cultura brasileira. Através da dublagem grandes produções internacionais têm seu alcance para todos os públicos. E, além disso, o papel dos dubladores vai além de “traduzir” um idioma. Através das emoções que os dubladores passam, é possível vivenciar a história na íntegra, junto com os personagens. As animações do Studio Ghibli, por exemplo, têm sua particularidade ao assistir o filme dublado. Transmitem, através do nosso idioma, as emoções que personagens tão sensíveis e especiais querem nos dizer.

Como foi o processo de dublar a Kiki para a versão da Netflix de O Serviço de Entregas da Kiki?

Dublar a Kiki foi uma das melhores experiências da minha vida. Eu amo dar vida aos diferentes personagens que já fiz. Mas a Kiki tem sua exclusividade. A Kiki é única, tem sua personalidade forte. Eu fiquei muito realizada com o resultado e muito feliz por saber que os fãs gostaram da versão brasileira. As gravações foram feitas no Estúdio Vox Mundi e foi dirigido pelo Orlando Viggiani. Na dublagem, ficamos sabendo apenas no momento o que vamos dublar, e, quando cheguei para gravar a animação, fiquei muito empolgada em descobrir que era um projeto do Studio Ghibli. Depois que finalizamos as gravações, fiquei bem ansiosa de como ficaria o resultado.

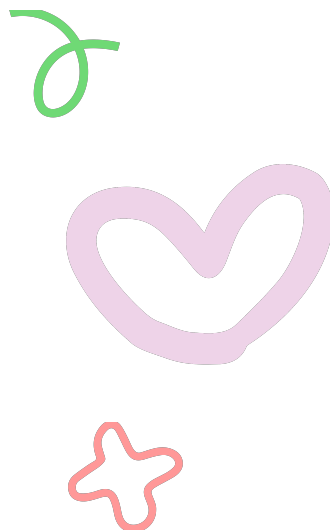


Quais são os principais desafios e aprendizados que a profissão de dubladora te trouxe?

Existem vários desafios ao longo da trajetória da dublagem e um deles é ter a responsabilidade de deixar aquele projeto com qualidade excelente. Cada personagem feito e cada interpretação atuada irá impactar o telespectador de alguma maneira, e saber que pessoas vão prestigiar o trabalho e que um desenho ou filme pode tocar na vida deles de alguma forma é importante e um dos maiores desafios para mim. Assim como os desafios, os aprendizados são constantes também. No mundo artístico aprendemos a respeitar a trajetória de cada um e a interpretar aquela vivência da melhor maneira possível, assim, todos poderão ouvir suas histórias. A dublagem vai além de “traduzir” falas para o português, ela engloba todos na sociedade em um único pacote, para que, assim, todos possam prestigiar o filme com seu idioma nativo.

Você mencionou que ela se tornou uma das personagens que mais gostou de dublar. O que torna essa experiência tão especial para você?

De alguma forma a Kiki me tirou da zona de conforto na hora de dublar. Apesar dela ser fofinha e ter seu jeito delicado, ela tem sua braveza e não desiste fácil. Trazer tudo isso para as interpretações são grandes desafios e tudo tem que ser pensado e feito com carinho para que fique legal. Além do mais, existe a responsabilidade de dublar um projeto do Studio Ghibli (que não posso negar, mas sou bem fã), que tem suas perfeições nos mínimos detalhes. A história da Kiki é linda, e, além de ser minha dublagem predileta, é meu filme favorito também.



De que forma você acredita que a Kiki influenciou sua trajetória pessoal e profissional?

A Kiki me fez crescer como atriz e dubladora. Eu acredito que cada personagem que eu já dublei tem sua particularidade e vai me trazer algum ensinamento, tanto técnico quanto emocional. Em especial a Kiki me ensinou a ver como uma personagem tão fofa em sua voz ainda demonstra firmeza naquilo que quer. O Studio Ghibli tem esse efeito, né? Eles gostam de mostrar que os personagens podem ir além daquilo que acreditam, eles podem realizar o que desejam e sonham todos os dias.



Houve alguma cena em particular que foi mais desafiadora ou emocionante de gravar?

Pra mim, quando a Kiki enxerga que a cidade quer recebê-la como bruxinha e ela se sente mais confortável em seu espaço é um dos momentos que mais mexe comigo, pois, quando gravei a Kiki, depois de três meses eu fiz intercâmbio. Morei fora por seis meses para estudar artes cênicas e tive o mesmo sentimento que ela ao chegar em um lugar desconhecido e ter que criar raízes naquele espaço. Eu sabia quando estava dublando ela, que a minha trajetória seria parecida. Não é fácil. Tudo é adaptação, claro, mas me senti igual a Kiki ao longo de sua jornada com o Jiji na cidade grande.

Álbum de fotos da Sicília



Arquivo Pessoal

O embate do Studio Ghibli contra a Inteligência Artificial:



Em abril de 2025, as redes sociais foram tomadas por uma nova tendência: diversos usuários usaram inteligência artificial para transformar suas fotos em imagens que replicassem o estilo das animações do Studio Ghibli. De acordo com o CEO da OpenAI, Sam Altman, responsável pelo ChatGPT, a ferramenta usada na trend conquistou 1 milhão de usuários em uma hora assim que o gerador de imagens foi disponibilizado. Até órgãos públicos de algumas cidades brasileiras participaram da novidade, como Rondônia, onde perfis oficiais da Prefeitura, do Governo, do Ministério Público e até de faculdades públicas postaram imagens feitas pela inteligência artificial.

Apesar da diversão, o episódio acendeu um alerta sobre questões relacionadas a direitos autorais e a facilidade de apropriação de um estilo pessoal de animação por ferramentas virtuais. Segundo uma notícia do G1, a empresa

de Sam Altman recebeu críticas de mais de 400 atores, cineastas e músicos, que acusaram a OpenAI de “enfraquecer ou eliminar” proteções de direitos autorais no treinamento dos sistemas de IA.

O Studio Ghibli é amplamente conhecido por seus ideais artísticos e valores em relação às suas criações. O fundador do estúdio, Hayao Miyazaki, sempre fez questão de produzir suas obras manualmente e defende a arte tradicional. Com a repercussão da tendência, uma fala antiga de Miyazaki, dita em uma reunião em 2016, voltou à tona. No vídeo, o artista assiste a uma criação feita por IA e diz: “Estou totalmente enojado. Se realmente querem fazer coisas estranhas, vão em frente e façam, eu nunca usaria essa tecnologia no meu trabalho. Sinto que isso é um insulto à vida.”

De acordo com o Studio Ghibli Brasil, no filme “Princesa Mononoke”, as 144 mil células de desenho foram supervisionadas pessoalmente pelo diretor, que chegou a redesenhar 80 mil delas. Esse fato exemplifica o cuidado que o estúdio sempre teve com as criações originais, prezando pela qualidade dos desenhos e pelas características estéticas que diferenciam o Studio Ghibli de outras produtoras de animação no mundo.

Por mais que a tendência de replicar o estilo de Miyazaki parecesse inocente e até fofa, ela reforça a necessidade de cuidado com a preservação de criações únicas e originais diante da popularização das ferramentas de IA, como o ChatGPT. O CEO da OpenAI esclareceu que as imagens geradas eram apenas inspirações, e não cópias pontuais das produções do

Studio Ghibli, mas até que ponto isso é ético? Miyazaki não se pronunciou sobre o viral das fotos “estilo Ghibli”, mas seu posicionamento de 2016 deixa claro que ele não concorda com o uso dessa tecnologia em seus trabalhos.

É fundamental respeitar a arte tradicional e seus criadores para garantir que as ferramentas automatizadas ofereçam experiências éticas aos usuários, sem ultrapassar os limites da integridade humana. Além disso, como no caso da trend, é indispensável levar em conta os princípios e valores dos autores antes de replicar suas obras. Na ocasião, a OpenAI chegou a restringir a geração de imagens no estilo do Studio Ghibli para preservar direitos autorais, mas depois voltou a liberar o uso, sob a justificativa de criar imagens originais que apenas se inspiram no estilo de Miyazaki.



Ficha Técnica:

Filme: Vidas ao Vento (風立ちぬ, The Wind Rises)
Lançamento: 2013
País: Japão
Gênero: Animação, Drama, Romance
Direção: Hayao Miyazaki
Roteiro: Hayao Miyazaki
Produção: Toshio Suzuki
Elenco Principal: Hideaki Anno (Jiro Horikoshi), Miori Takimoto (Naoko Satomi), Hidetoshi Nishijima (Honjo), Masahiko Nishimura (Kurokawa), Jun Kuni-mura (Castorp)
Trilha sonora: Joe Hisaishi

Fotografia: Atsushi Okui
Edição: Takeshi Seyama
Direção de arte: Yoji Takeshige
Estúdio/Produtora: Studio Ghibli
Distribuição: Toho (Japão)
Duração: 2 horas e 6 min (126 minutos)
Classificação indicativa: 10 anos
Onde assistir: Netflix
Conquistas: Filme de maior bilheteria no Japão em 2013, indicado ao Oscar de Melhor Animação, Globo de Ouro de Melhor filme Estrangeiro e Prêmio da Academia do Japão para animações do ano.

Um suspiro de esperança entre as adversidades da vida

Baseado na vida de Jiro Horikoshi, famoso engenheiro aeronáutico que construiu caças usados na Segunda Guerra Mundial, a animação Vidas ao Vento, do Studio Ghibli, traz uma narrativa que vai além dos aviões. Dirigido pelo pai do estúdio, Hayao Miyazaki, o filme de 2013 revela uma parte da história de Jiro que não romantiza a guerra, mas mostra como os sonhos às vezes são usados para fins trágicos.

O início da trama foca em um garoto que ansiava pela adrenalina de pilotar um avião, olhava o céu com esperança de um dia poder cruzá-lo livremente, mas que tinha as expectativas frustradas por ser míope e não conseguir enxergar bem sem óculos. Percebendo esse empecilho, Jiro decide se tornar engenheiro aeronáutico e construir lindos aviões. Ele se dedica a ler livros estrangeiros sobre o assunto e, depois de mais velho, se muda para a capital do Japão ao ingressar na faculdade.

Era a época da Segunda Guerra Mundial e, por ter uma mente brilhante, o personagem principal é desafiado a desenvolver

um caça imbatível contra os construídos pelos países mais ricos. Jiro se empenha na função, mas o filme traz uma outra perspectiva quando insere, intercalado as dificuldades da construção, um personagem que mostra ao japonês que aviões podem ser muito mais que armas. O vento também é retratado diversas vezes nas cenas, ora calmo, para representar, por exemplo, a tranquilidade do amor entre Jiro e Nahoko, ora forte e agressivo, para representar situações complicadas da trama.

A mensagem principal da animação se concentra na superação dos problemas que surgem, através da frase constantemente falada pelos personagens: “o vento se ergue, devemos tentar viver”. Essa citação é a tradução de uma parte do poema “Le Cimetière Marin”, de Paul Valéry, que pode ser interpretada de diversas formas. Em Vidas ao Vento, ela aparece junto à concepção que Miyazaki traz à trama de que um artista tem apenas 10 anos para glorificar suas criações. Jiro era um artista apaixonado por desenhar novos aviões e sonhar com eles em todo o seu esplendor no céu, entretanto, ele odiava os destinos tomados por suas criações, odiava saber que destruíram cidades, pessoas e causavam desespero.

Nessa perspectiva, a frase de Paul Valéry pode ressoar de duas maneiras no filme. A primeira

interpretação é a de que o vento representa a carreira de Jiro, logo, o “tentar viver” quer dizer aproveitar as oportunidades para expressar sua arte independente da forma que ela for usada. Já a segunda interpretação é a minha favorita. Nela é subentendido que o vento são os desafios enfrentados durante a vida, no caso de Jiro, a perda de sua esposa e o destino de seus aviões, e o “tentar viver” tem sentido literal. No final, “o vento se ergue. Devemos tentar viver” é um jeito de Miyazaki passar a mensagem de que não importa as dificuldades que enfrentamos durante a caminhada, devemos sempre continuar indo em busca dos nossos sonhos e aproveitando a vida ao máximo.

Portanto, mesmo que a temática do filme aborde, em geral, os desafios de Jiro como um engenheiro aeronáutico, a narrativa não se resume a guerras e aviões. A animação mostra o outro lado da tragédia, a dificuldade de continuar seguindo em frente mesmo quando tudo parece estar prestes a desabar. E, no fim, não se tratam das criações, dos sucessos ou dos fracassos, dos destinos cruéis e injustos que os sonhos podem ter, o que permanece é a brisa suave que nos convida a continuar mesmo diante das tempestades. Afinal, o vento sempre vai se erguer e nós, independente do vendaval que se formar, devemos tentar viver.

RECEITAS GHIBLI

Quem nunca viu as comidas nos filmes do Studio Ghibli e sentiu vontade de experimentar? Pensando nisso, a revista Animy trouxe duas receitas especiais das narrativas para te fazer sentir como um personagem Ghibli.

O famoso ramen da Ponyo:

A receita é do site de Sylvia Wakana, uma norte-americana com descendência japonesa. Esse prato é super fácil de preparar, não são necessários muitos ingredientes e você consegue achar tudo o que precisa no supermercado.

Ingredientes:

- 1 pacote de macarrão instantâneo de sua preferência (você pode usar o famoso miojo ou comprar o ramen japonês que é fácil de achar também)
- 1 ovo cozido
- 1 cebolinha verde fatiada
- 1 pedaço de presunto cortado ao meio
- 2 xícaras e meia de água



Modo de preparo:

- Cozinhe o ovo e corte-o ao meio junto do presunto
- Fatie a cebolinha
- Ferva água
- Coloque o macarrão instantâneo em uma tigela funda. Se ele vier com temperos secos abra e coloque-o junto.
- Despeje água fervente na tigela e cubra. Deixe descansar de acordo com as instruções da embalagem.
- Depois de pronto, retire a tampa e misture bem o conteúdo
- Coloque por cima metade do ovo, cebolinha e os dois pedaços de presunto cortados.

O café da manhã do Calcifer:

Quem gosta de café da manhã? Muitos especialistas afirmam que esta é a refeição mais importante do dia, pois é ela que deve fornecer energia para começar bem a rotina. Quando Howl a encontra, até então, desconhecida Sophie em O Castelo Animado, a primeira coisa que ele faz é pedir à Calcifer para aceitar preparar o café da manhã. A receita é simples, mas muito gostosa e acessível.

Ingredientes:

- 3 fatias de bacon
- 3 ovos
- 2 pães
- 2 fatias de queijo (opcional)



Modo de preparo:

- Em uma frigideira já pré-aquecida coloque as três fatias de bacon
- Quando já estiver soltando gordura é hora de colocar os ovos para que eles fritem em conjunto com o bacon e absorvam o sabor
- Adicione uma pitada de sal nos ovos, se preferir
- O ponto da gema é opcional, a receita deve ser adaptada ao seu gosto
- Depois de tudo frito, coloque o bacon e os ovos em um prato
- Sirva-se com dois pães e experimente comer tudo junto!
- Para deixar ainda mais saboroso, adicione queijo as fatias de pão

Itadakimasu!



FILOSOFIA JAPONESA

nas obras do
STUDIO GHIBLI

Você já parou para pensar sobre a fronteira que separa o real daquilo que está oculto? Hayao Miyazaki, diretor e pai do Studio Ghibli, já. Em suas obras, ele frequentemente adiciona um toque de misticismo às narrativas, mesclando um pouco da realidade com a magia do outro mundo, um diferencial que transformou os filmes do estúdio em experiências únicas.

Seja na escuridão da noite, quando duas irmãs esperam ansiosas na beira da estrada o ônibus que traz o pai e acabam diante de um enorme espírito peludo; ou quando uma garota comum cruza sem querer para um universo paralelo, onde precisa lidar de forma madura com espíritos estranhos e deuses esquecidos; ou ainda quando seres minúsculos tentam sobreviver entre as frestas de casas humanas, escondendo a própria existência. São cenas de Meu Amigo Totoro (1988), A Viagem de Chihiro (2001) e O Mundo dos Pequeninhos (2010), três narrativas distintas que compartilham algo em comum: a ideia de que o extraordinário não está em um lugar distante, mas na forma como olhamos o mundo.

Ao analisar Totoro, Chihiro e Arrietty, fica claro não apenas o avanço estético do estúdio ao longo dos anos, mas também a coerência poética que sustenta suas histórias. Essa coerência não surge do acaso: ela se ancora em alguns princípios filosóficos profundamente enraizados na cultura japonesa. Conceitos como *wabi-sabi*, que encontra beleza na simplicidade e na imperfeição; *mono no aware*, que traduz a emoção diante da passagem do tempo; *yūgen*, o mistério do indizível; e *ma*, o intervalo que dá respiro à narrativa, estão presentes nos filmes.

Essas ideias aparecem de maneira quase invisível, mas essencial. Alguns exemplos de cenas que ilustram a presença desses conceitos são: o silêncio contemplativo de Totoro à beira da estrada, o trem solitário que corta um oceano silencioso em Chihiro ou os objetos reutilizados de

Arrietty (O Mundo dos Pequeninhos), que revelam que a magia não está apenas na fantasia, mas também no modo de perceber o cotidiano.

É na fusão entre filosofia e narrativa que os filmes do Studio Ghibli se entrelaçam e constroem mais do que simples animações: convidam o telespectador a ter um olhar mais atento para a vida, enxergando a beleza e o mistério no simples.

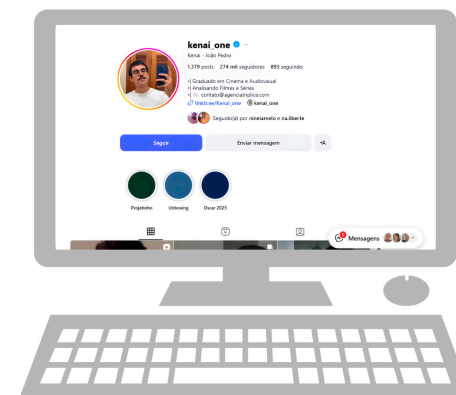
O criador de conteúdo João Pedro Nobre, 24, é formado em Cinema e Audiovisual e utiliza as redes sociais para compartilhar análises, reflexões e conteúdos didáticos sobre arte. Produzindo vídeos que vão de indicações cinematográficas a explicações técnicas de fotografia, roteiro e direção, ele se consolidou como comunicador digital no campo do entretenimento. Em entrevista,

João Pedro analisou as singularidades do Studio Ghibli e o impacto de suas obras tanto no cenário global quanto em sua própria trajetória profissional.

Para o criador, o grande diferencial do estúdio japonês está na dimensão autoral de suas produções. Segundo ele, são filmes que carregam muito da intimidade dos diretores, feitos com

carinho e atenção às temáticas, algo que contrasta com a rapidez e o excesso de estímulos comuns em animações ocidentais. Além disso, João Pedro destaca a estética única das obras, visualmente marcantes, contemplativas e repletas de silêncios significativos, que tornam a experiência de assistir às obras do Ghibli diferentes de qualquer outra.

Em relação aos filmes escolhidos para a reportagem, o criador de conteúdo percebe um elo claro entre estética, narrativa e protagonismo. Mesmo sem ter assistido ao último (O Mundo dos Pequeninhos), ele ressalta que todas as obras dialogam com temas de amadurecimento e crescimento pessoal, geralmente sob a ótica de protagonistas femininas fortes.



Essa valorização da independência das personagens femininas, segundo ele, é uma das marcas mais belas do trabalho de Hayao Miyazaki.

Na visão do entrevistado, Miyazaki foi fundamental para modificar a forma como a animação japonesa passou a ser vista no Ocidente. Os filmes do Studio Ghibli conseguem conversar com crianças e adultos ao mesmo tempo, equilibrando delicadeza estética, narrativas complexas e um apelo emocional duradouro. “Para os mais jovens, são obras vibrantes e coloridas; para os adultos, continuam sendo relevantes pela profundidade temática”, explica.

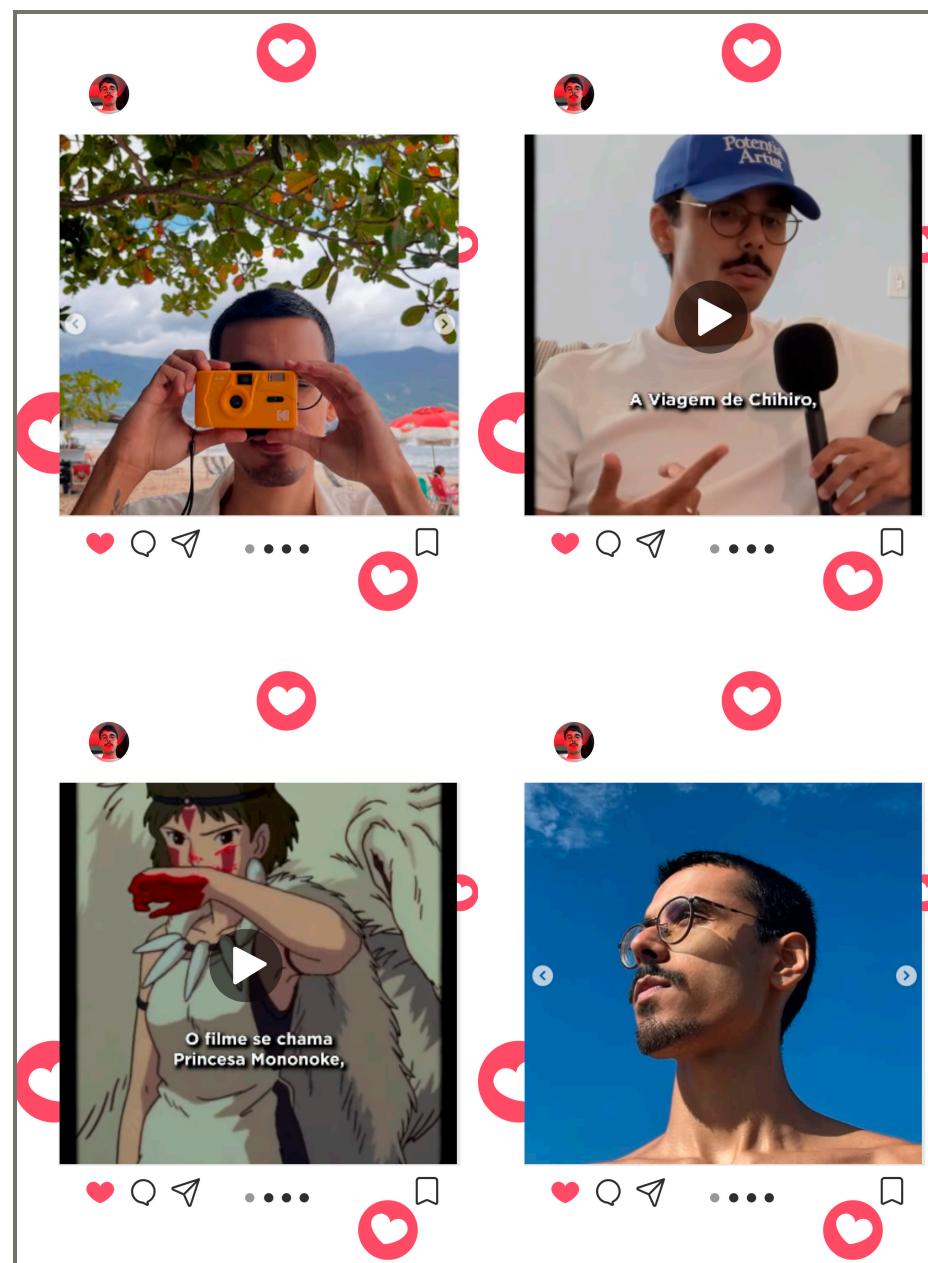
Esse equilíbrio entre fantasia e cotidiano contribui tanto para a recepção calorosa da crítica quanto para o carinho do público. O estúdio se diferencia ainda por não apostar em sequências intermináveis, mas em histórias únicas, cada uma com personagens marcantes, roteiros sensíveis e identidade visual única.

João Pedro também considera os filmes do Studio Ghibli como verdadeiros filmes de conforto. Para ele, a combinação entre estética, narrativa e ausência de continuções excessivas permite que as produções preservem sua aura original, mantendo o impacto emocional intacto ao longo do tempo. “São obras que trazem aconchego, deixam o espectador com um sentimento bom no peito, algo duradouro.”

Do ponto de vista técnico, ele destaca sobretudo a excelência da animação e das trilhas sonoras como pilares da identidade do estúdio. A força visual das produções, combinada às canções memoráveis cria uma experiência que conquista tanto espectadores leigos quanto aqueles que buscam um olhar mais aprofundado sobre a linguagem cinematográfica.

Para João Pedro, a relevância do Studio Ghibli não apenas se mantém como ganha ainda mais força diante da lógica acelerada das plataformas digitais. Enquanto grandes estúdios buscam sempre novas histórias, o ritmo mais cuidadoso de Miyazaki e sua equipe confere às obras autenticidade e permanência. Esse compromisso com a arte sustenta o estúdio como uma referência mundial, afirma o cineasta.

O impacto das produções foi determinante também para a vida pessoal e profissional de João Pedro. O primeiro vídeo que viralizou em seu canal tratava justamente de um filme do Studio Ghibli e essa experiência o motivou a continuar criando conteúdos e, mais tarde, transformar esse hobby em profissão. “Se não fosse pelo Studio Ghibli, eu provavelmente não estaria fazendo o que faço hoje”



Uma análise da narrativa e dos elementos presentes no filme de Hayao Miyazaki.

Meu Amigo Totoro

O filme de 1988 mostra um pouco da história das irmãs Satsuki e Mei, que logo no início se mudam para uma cidade rural do Japão a fim de ficarem mais próximas do hospital onde a mãe doente está internada. A ausência materna durante a trama é mesclada com as aventuras que as crianças passam a vivenciar, aprendendo a viver no novo lar.

Outro personagem importante que aparece e é fundamental para a ligação do filme com os princípios japoneses é Totoro, uma criatura mística descrita como guardião da floresta, mas que também pode ser visto como um símbolo de conforto, empatia e segurança. O Studio Ghibli mistura continuamente a narrativa real da situação da família com a fantasia de Totoro e seus pequenos discípulos guardiões, conectando diretamente com o animismo xintoísta, que, segundo o site Significados, acredita que os elementos naturais, como árvores, vento e chuva, são portadores de agência e presença espiritual. Além disso, que, segundo o site Significados, destacam a dimensão de Totoro como uma representação da “magia ecológica”.

A primeira filosofia japonesa presente nesse filme é o *wabi-sabi*, demonstrado na simplicidade, imperfeição e efemeridade do cotidiano retratado na casa rural, nos jardins e nos detalhes simples que não são apenas cenário, mas expressam a beleza do ordinário. Enquanto o *mono no aware* emerge na percepção da fugacidade da infância,

do tempo passado sem a mãe e das pequenas alegrias que se tornam memoráveis, como a cena em que Satsuki e Mei tomam o primeiro banho com o pai na casa nova e começam a rir juntos para espantar o medo, um momento que à vista de muitos pode parecer irrelevante, mas que mostra como mínimos gestos podem ficar para sempre na memória, conforme aborda o portal Budismo Hoje.

O *ma* também aparece praticamente durante todo o filme. Por se tratar de uma história sem muitos acontecimentos marcantes ou de um roteiro repleto de altos e baixos, o silêncio é uma das principais formas de comunicação de Miyazaki neste filme. Seja nas cenas entre as irmãs e Totoro, ou nos instantes de espera na chuva à beira da estrada, esses intervalos narrativos não apenas estruturam o ritmo do filme, mas permitem que o público sinta o ambiente, criando uma experiência sensorial que reforça o vínculo emocional com os personagens.

Hayao Miyazaki já comentou sobre o silêncio em seus filmes: “Temos uma palavra para isso em japonês. É chamada de *ma*. Vazio. Está lá

intencionalmente. [bate palmas] O tempo entre minhas palmas é *ma*. Se você tem apenas ação contínua sem espaço para respirar, é apenas agitação, mas se você tira um momento, a tensão construída no filme pode crescer em uma dimensão mais ampla”.

A cientista ambiental Natália Barros, 27, conta que, ao assistir o filme pela primeira vez, apaixonou-se, pois para ela a produção é de uma delicadeza exuberante que a levou para um lugar de aconchego e contemplação do banal. Natália aponta que Meu Amigo Totoro é seu filme favorito devido a alguns fatores, como a simplicidade das personagens

e da ambientação, já que transformam afazeres cotidianos em um parque de diversões, reforçando o poder e a força da mente e da imaginação. Para ela, o filme também mostra como a infância é um momento especial na vida de um ser humano, pois é durante ela que enxergamos as belezas e as alegrias escondidas nos detalhes. Mesclando o apreço a todos esses lados retratados na história, Natália fala sobre a representatividade da narrativa para si. “Representa a capacidade de apreciar o simples com olhos de grandiosidade.

Eu percebo muita espiritualidade em Totoro. Ele trabalha muitos estados de espírito, como a de uma mãe doente, de um pai cuidando de suas filhas sem a esposa, de uma irmã mais velha amadurecendo... Tudo muito simples e comum, mas apresentado com uma suavidade peculiar.”

Desta forma, Meu Amigo Totoro se mostra não apenas como um filme infantil do Studio Ghibli, mas como uma obra repleta de complexidades simbólicas, estéticas e culturais, que fomentam reflexões sobre cuidado, afetividade e meio ambiente no público.



Uma análise da narrativa e dos elementos presentes no filme de Hayao Miyazaki.



A Viagem de Chihiro

Lançado em 2001, *A Viagem de Chihiro* traz uma narrativa interessante para o catálogo do Studio Ghibli. O filme conta a história de Chihiro, uma garota que acaba de chegar na nova cidade em que irá morar com seus pais. Logo no começo, ela deixa bem claro não estar nada feliz com a situação, pois ainda estava apegada aos amigos e ao ambiente em que estava acostumada a viver. Procurando pela nova casa da família, Chihiro e seus pais acabam se confundindo e entram em uma estrada peculiar que os leva até um templo antigo. Tomados pela curiosidade, os três decidem explorar o local, que se revela muito diferente do que imaginavam.

Chihiro e seus pais acabam chegando a outra dimensão, onde vivem espíritos que, ao saberem da existência dos humanos, entram em estado de alerta. O filme possui um extenso desenrolar, no qual a menina precisa amadurecer para conseguir sobreviver naquele lugar e voltar para o mundo dos vivos em segurança com os pais. Nessa narrativa, Miyazaki também aborda simbolismos japoneses de diversas formas, principalmente o animismo, uma construção antropológica que enxerga um espírito que conecta todas as coisas, incluindo pessoas, animais, fenômenos naturais e objetos inanimados.

De início, isso fica evidente na interação de Chihiro com os seres do mundo espiritual, principalmente com o personagem Sem-Rosto,

que encarna desejos, carências e perigos invisíveis assim que entra na casa de banho e se transforma em um “monstro” que aterroriza as pessoas em busca da atenção da garota, funcionando como um espelho criado pelo estúdio para criticar problemas sociais do mundo real, como ganância e consumismo.

O conceito de *ma* também aparece nos momentos silenciosos da trama, em cenas como a de Chihiro observando medrosa pela primeira vez o trabalho de Kamaji, o escravo das caldeiras que aquecem os banhos, ou quando ela aparece quieta durante a viagem de trem que a leva até a casa da bruxa Zeniba, observando atenta os arredores diferentes do novo mundo que encontrou.

O *wabi-sabi* é, provavelmente, a filosofia que mais se destaca entre os três filmes analisados e também entre todas as produções Ghibli. Em *A Viagem de Chihiro*, a presença desse conceito aparece principalmente nas cenas da casa de banho, quando é mostrada a rotina dos funcionários, criando um culto à simplicidade que entorna os acontecimentos, seja apenas na delicadeza do cuidado de Lin com Chihiro, ou durante a banalidade da cena em que Zeniba costura enquanto espera a chegada de Haku em sua casa. Todos esses momentos são carregados de magia e sutileza que apenas o significado de



wabi-sabi poderia descrever. A história também carrega outro ponto muito importante: o ritual de passagem de Chihiro para a maturidade. Ao se ver sozinha naquele mundo estranho e peculiar, a garota precisa se desconectar de sua infância familiar para alcançar a autonomia de sobreviver e conseguir salvar a si mesma e aos pais. Essa transformação é amplamente discutida em análises da obra, como a publicada no portal The Artifice que a enxerga como uma força positiva de mudança. Desta forma, o filme consegue mostrar ao público todas as demonstrações de coragem, empatia e autocontrole que ela desenvolve ao enfrentar desafios que fortalecem sua identidade.

Além dos níveis filosóficos, *A Viagem de Chihiro* também reverbera de forma afetiva naqueles que assistem ao filme. Kawany Braga, estudante de nutrição, 22, conta que assistiu à animação ainda criança e, mesmo anos depois, continua tendo um carinho especial pela história e pelos personagens. “Eu era mais nova quando vi pela primeira vez e foi tudo novo para mim. Lembro de ter gostado tanto que todo dia pedia para minha mãe para assistirmos de novo.”

A principal mensagem da narrativa para ela é o amadurecimento da personagem principal. Por se sentir em crise por conta da própria idade, Kawany conta que se vê

retornando aos filmes que via quando era criança para sentir novamente a sensação de leveza que tinha na época. Ao observar a jornada de Chihiro, ela enxerga esse amadurecimento também em si mesma. “Todas as coisas que ela passou estando nesse outro mundo acabam moldando sua personalidade e fazendo com que Chihiro amadureça e não seja mais apenas uma criança mimada. Agora é como se ela estivesse pronta para enfrentar o mundo real e qualquer dificuldade.”



Uma análise da narrativa e
dos elementos presentes no
filme de Yonebayashi.

O Mundo dos Pequeninininhos

Baseado na saga literária Os Pequenos Borrowers, escrita por Mary Norton entre 1952 e 1982, o filme O Mundo dos Pequeninhos, lançado em 2010, marca a estreia de Hiromasa Yonebayashi como diretor no Studio Ghibli. Antes da versão japonesa, a história já havia ganhado outras adaptações para a TV e cinema, e chamou a atenção de Miyazaki e Takahata, que pensavam em adaptar a saga desde os anos 1970.

A história acompanha o garoto Sho, que enfrenta problemas cardíacos e se hospeda na casa de sua tia-avó para se preparar para uma cirurgia. Em meio a esse período de fragilidade, ele conhece a personagem principal, Arrietty, integrante de uma família minúscula que vive escondida entre as frestas da casa. Logo no começo fica claro o esforço que os pequeninhos fazem para sobreviver sem que nenhum humano saiba de sua existência. Cenas mostram o pai e Arrietty pegando alimentos e utensílios básicos para continuar vivendo; entretanto, a garota se mostra curiosa demais e enfrenta um grande dilema: a vontade de explorar o mundo enquanto sua família a mantém presa por segurança.

A partir desse encontro improvável nasce uma amizade marcada pelo contraste entre tamanhos, fragilidades e esperanças. Enquanto Sho, um “gigante”, desistiu da própria vida diante da doença, Arrietty resiste e continua explorando o mundo apesar dos riscos.

Num primeiro olhar, o filme apresenta uma observação delicada sobre dois mundos distintos, o dos humanos e o dos pequeninhos, explorando as necessidades, medos e valores de cada um deles. Conforme aponta o Plano Crítico em sua resenha, num segundo nível, ao desenvolver a relação entre o humano e a pequena, mostra-se uma história de amizade e sobrevivência, em que cada personagem ajuda o outro a enfrentar suas próprias limitações.

Visualmente, O Mundo dos Pequeninhos chama atenção com a construção detalhada da casa dos pequeninhos e a exploração da natureza ao redor. Mas é no aspecto emocional que o filme ganha força, mostrando que diferenças podem se transformar em pontes. A todo instante existe uma melancolia oculta que não é suavizada, principalmente quando Sho decide aceitar o procedimento que será necessário, mesmo com a possibilidade de partir, enquanto Arrietty segue em uma perigosa jornada para encontrar mais pessoas iguais a ela.

Além desses aspectos, novamente os conceitos filosóficos das narrativas Ghibli permeiam o filme. Assim como nos outros dois filmes analisados, o *wabi-sabi* está em evidência ao retratar de maneira pontual a rotina arriscada, mas delicada da família dos pequeninhos. Nesse filme, isso pode ser observado também sob uma ótica

diferenciada, pois não se trata de uma família comum: a casa onde Arrietty e seus pais moram é inteiramente construída com “restos” e pequenas coisas consideradas lixo pelos humanos.

Olhar para o filme sob a perspectiva do *wabi-sabi* abre caminhos para uma interpretação mais profunda e mágica da situação. Mesmo no simples, precisando se adaptar de acordo com as dificuldades de ser um pequeninho num mundo de gigantes, os personagens constroem a própria realidade de maneira sutil e delicada.

O filme também reflete o conceito de *yūgen*, uma sensação de mistério profundo e beleza sutil diante do mundo, ao apresentar o universo em miniatura dos pequeninhos, em contraste com a grandeza do mundo humano. Ao acompanhar o cotidiano de Arrietty, percebemos que cada gesto, cada pequeno movimento, tem peso e significado, despertando uma reflexão sobre como pequenas ações podem transformar vidas e fortalecer laços.

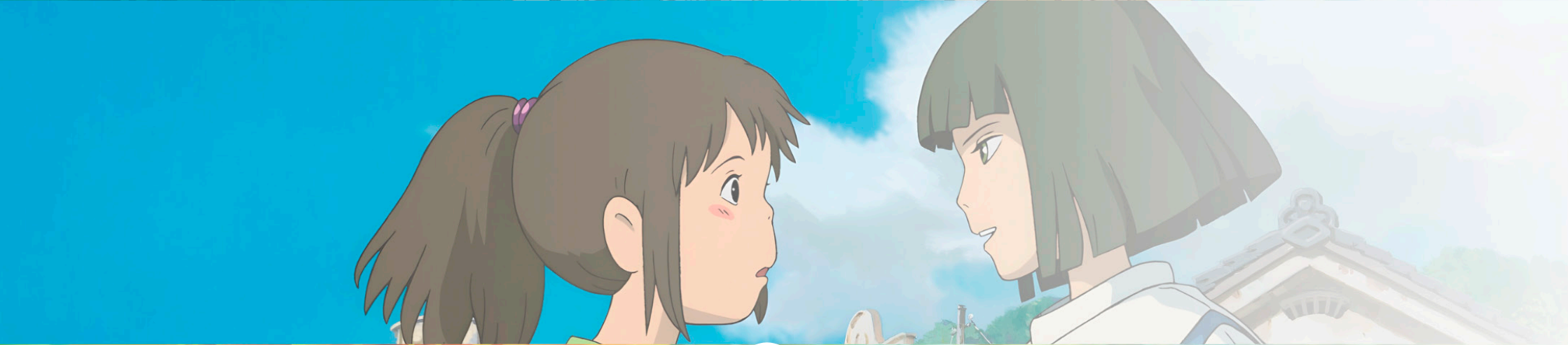
Essa leitura do filme ganha novas camadas quando ecoa na experiência do público. Isac Oliveira, 25, engenheiro de alimentos, tem a animação como significativa em sua vida. O que a princípio parecia

apenas mais uma história do estúdio se transformou, para ele, em algo muito mais pessoal. A relação entre Arrietty, obrigada a se esconder para sobreviver, e Sho, um “gigante” adoecido e desiludido, despertou reflexões profundas. “A Arrietty tenta conhecer o mundo, mesmo sabendo do perigo. Sho, apesar de ser um homem ‘grande’, é frágil e havia desistido da própria existência por conta da doença. Acho incrível como o relacionamento dos dois inspira Sho a se mover além do que achava possível.”

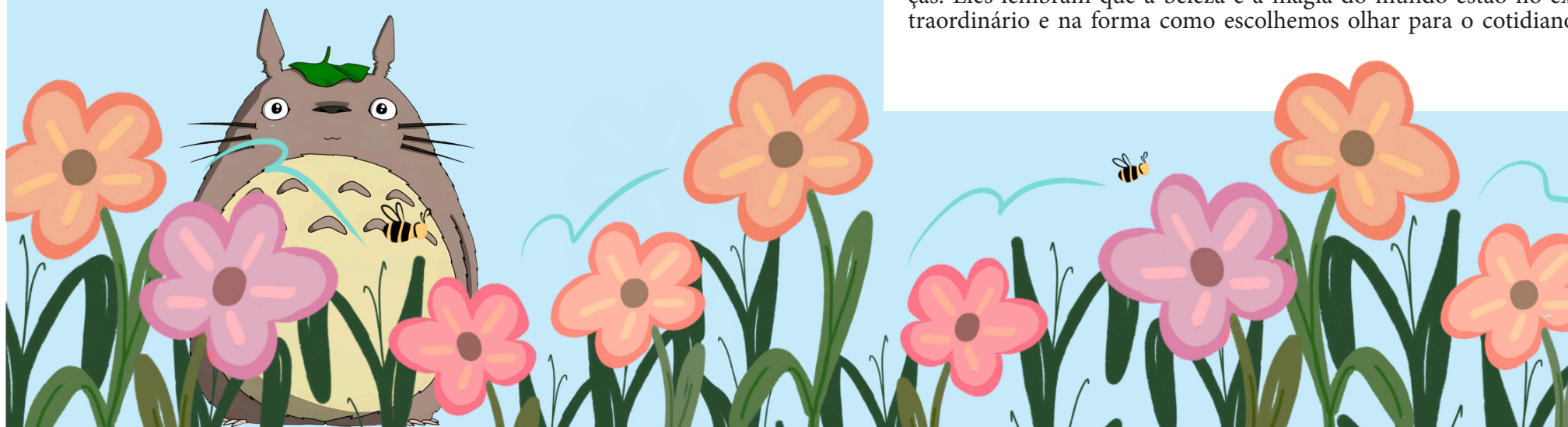
Esse diálogo entre mundos opostos também remeteu a vivências íntimas de Isac. “Desde muito novo me entendi como uma criança LGBT e passei por um ‘ultraprotecionismo’ dos meus pais, que temiam muito o contato com o mundo fora de casa. Cresci sem referências, mas sempre fui curioso. Vejo muito paralelo nisso com Arrietty, que era dita para se esconder, não sair, não explorar, mas queria enxergar mais do mundo.”

Para ele, O Mundo dos Pequeninhos se destaca justamente pela troca de experiências presente na trama. Isac enxerga beleza no fato de a personagem principal nunca ter deixado a solidão de ser diferente e viver às escondidas abalar sua força. Durante o desenvolvimento da história, a garra de Arrietty também acaba inspirando Sho a ter um olhar diferente sobre sua própria situação. “Essa troca é o que dá sentido ao filme”, diz Isac.





Três filmes,
uma só herança



Apesar da diferença da época de lançamento, Meu Amigo Totoro, A Viagem de Chihiro e O Mundo dos Pequenininhos compartilham a mesma essência. Os conceitos filosóficos japoneses atravessam essas obras, oferecendo ao espectador diferentes visões sobre o cotidiano e ensinando-o a enxergar beleza na imperfeição e na profundidade de suas experiências.

Totoro remete à inocência, doçura e conforto da infância. Chihiro é marcada pela jornada de amadurecimento e enfrentamento de desafios. Arrietty ensina sobre resistência e destaca a diferença como um importante meio de troca entre as pessoas.

Esses pontos também se evidenciam durante os relatos pessoais de cada entrevistado, mostrando que, além do significado idealizado pelo Studio Ghibli, as obras também têm o poder de conectar-se emocionalmente com diferentes públicos e vivências. Nessas narrativas, os idealizadores unem simbolismos sutis com a parte sentimental, prendendo qualquer pessoa na áurea mágica do estilo Ghibli.

Mais do que animações encantadoras, esses filmes funcionam como convites à contemplação e nos ensinam a valorizar os pequenos detalhes, a aceitar a transitoriedade da vida e a respeitar diferenças. Eles lembram que a beleza e a magia do mundo estão no extraordinário e na forma como escolhemos olhar para o cotidiano.

Qual personagem do universo
Ghibli combina com o seu



Todos os personagens criados pelo Studio Ghibli têm algo especial, mas você já parou para pensar em qual deles combina mais com o seu signo? A astrologia entende os signos como uma junção de traços de personalidade, comportamentos e tendências emocionais específicas de cada pessoa que nasce em um determinado período do ano. Por exemplo, se você faz aniversário no dia 24 de julho, você é do signo de leão e automaticamente possui características típicas de pessoas leoninas.

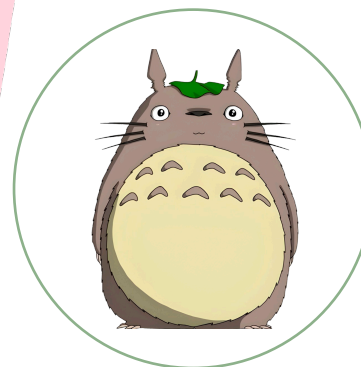
Ficou curioso para saber qual personagem mais se adequa ao seu signo? A revista Animy te conta!



Áries ♈

Calcifer (O Castelo Animado)

Impulsivo, cheio de energia e um pouco explosivo! Calcifer é aquele que não consegue ficar quieto, quer sempre estar no centro da ação e adora resolver tudo do seu jeito. Assim como os arianos, ele é corajoso, direto e não tem medo de mostrar sua personalidade.



Touro ♉

Totoro (Meu Amigo Totoro)

Taurinos valorizam conforto, estabilidade e bons momentos de paz, e Totoro é o exemplo perfeito disso. Paciente e acolhedor, ele é aquele amigo que te dá segurança e sempre sabe como fazer um dia comum se tornar especial.



Gêmeos ♊

Barão Humbert (Sussurros do Coração / O Reino dos Gatos)

Geminianos são curiosos, comunicativos e adoram explorar novos mundos, e o Barão Humbert não é diferente. Ele é elegante, carismático e cheio de histórias para contar, sempre pronto para uma aventura. Como os geminianos, sabe se adaptar a qualquer situação e encanta por sua versatilidade.

Câncer ♋

Chihiro (A Viagem de Chihiro)

Câncer é o signo da sensibilidade e da empatia, e Chihiro personifica essas qualidades. Protetora, emocional e ligada à família, ela cresce em meio a desafios, mostrando força e compaixão. Cancerianos vão se identificar com sua coragem que nasce do coração e a forma como ela se importa profundamente com quem ama.



Leão ♌

Porco Rosso (Porco Rosso: O Último Heói Romântico)

Leões adoram ser o centro das atenções e têm aquele charme natural que somente o Porco Rosso tem. Confiante, corajoso e levemente dramático, ele conquista todos ao seu redor sem esforço. Quem é leonino vai se ver na ousadia e na personalidade marcante.



Virgem ♍

Nausicaä (Nausicaä do Vale do Vento)

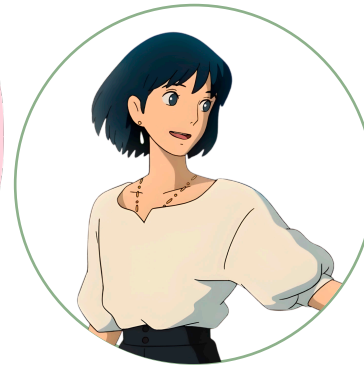
Perfeccionistas, detalhistas e muito responsáveis, os virginianos encontram em Nausicaä a inspiração ideal. Ela é prática, dedicada e preocupada com o bem-estar de todos, sempre pensando nas consequências de suas ações, assim como os virginianos.

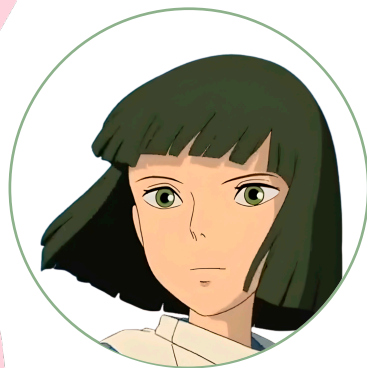


Libra ♎

Howl (O Castelo Animado)

Librianos são encantadores, diplomáticos e às vezes indecisos. Howl representa bem isso. Ele é charmoso, sensível às opiniões alheias e tenta equilibrar sua liberdade com suas responsabilidades. Quem é libriano se identifica com o magnetismo natural de Howl e seu jeito de deixar qualquer ambiente mais leve e fascinante.





Escorpião ♏

Haku (A Viagem de Chihiro)

Intenso, misterioso e profundamente leal, Haku é o escorpiano por excelência. Ele guarda segredos, ama com profundidade e se transforma para proteger quem importa. Escorpianos vão se entregar na determinação dele, na força emocional e na capacidade de se entregar totalmente a uma causa ou relacionamento.



Sagitário ♐

Kiki (O Serviço de Entregas da Kiki)



Sagitário ama liberdade, aventura e novos horizontes, assim como Kiki. Independente, otimista e cheia de energia, ela encara desafios com coragem e curiosidade, sempre pronta para aprender e se reinventar. Quem é sagitariano vai se identificar com a busca constante por novas experiências e crescimento pessoal.



Capricórnio ♑

Lady Eboshi (Princesa Mononoke)

Capricornianos são determinados, focados e práticos, e Lady Eboshi é o melhor exemplo disso. Visionária, organizada e corajosa, ela trabalha duro para alcançar seus objetivos e não se deixa abalar por críticas. Assim como os capricornianos, ela sabe liderar, planejar e tomar decisões difíceis com firmeza.

Aquário ♒

Sheeta (O Castelo no Céu)



Idealista, original e futurista, Sheeta é aquariana de coração. Ligada a causas maiores, ela pensa no coletivo e busca transformar o mundo ao seu redor, sempre com criatividade e liberdade. Quem é aquariano vai se identificar com sua mente aberta, espírito inovador e vontade de fazer a diferença.

Peixes ♓

Ponyo (Ponyo: Uma Amizade que Veio do Mar)



Peixes é o signo da imaginação, emoção e intuição, por isso Ponyo é a pisciana perfeita. Sonhadora, sensível e capaz de grandes gestos de amor, ela se conecta com todos de maneira mágica e leve. Piscianos vão se reconhecer em sua doçura e na forma de seguir o coração.

Filmes Ghibli para ver quando estiver...

Você já se sentiu melancólico? Animado? Preguiçoso? Aposto que sim! Essas emoções são características de qualquer ser humano e elas oscilam de acordo com as circunstâncias. Pensando nisso, a revista Animy preparou um compilado de sugestões de filmes do Studio Ghibli para você assistir quando estiver se sentindo de determinada forma. As escolhas foram feitas levando em consideração o enredo, a parte visual das produções e também os personagens.

Quando você estiver triste:

Memórias de ontem (1991)

Nessa animação, a personagem principal decide viajar para a sua antiga casa no interior do Japão. Durante esse período ela relembra memórias de sua infância no local, suas vivências com a família e os velhos tempos de escola. O filme é ótimo para confortar qualquer coração machucado e nos fazer lembrar de viver ao máximo qualquer experiência.



Quando sentir saudade de alguém:

As Memórias de Marnie (2014)

A trama foca em uma adolescente adotada que está enfrentando problemas de saúde e uma batalha interna acerca da relação que nutre com a mãe. Anna, a personagem principal, vai passar um período de tempo na casa de alguns familiares do interior, lá ela se encanta por uma casa na beira do lago, onde conhece Marnie. As duas desenvolvem uma amizade bonita que, no final, acaba virando apenas memórias. Ótimo filme para assistir quando a falta de alguém querido estiver pulsando no peito.



Quando quiser comer pipoca em um dia chuvoso:

O Serviço de Entregas da Kiki (1989)

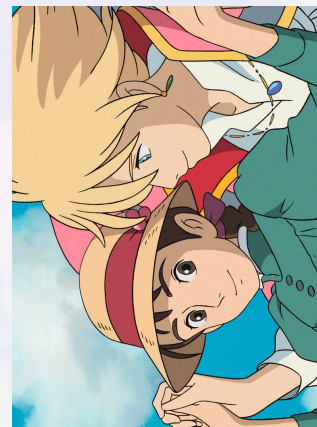
Kiki é uma bruxinha divertida e corajosa. Logo no início da trama ela sai de casa para morar sozinha em outra cidade com o intuito de descobrir as próprias habilidades mágicas. O desenrolar do filme deixa qualquer pessoa hipnotizada, o espectador acompanha as aventuras de Kiki e sua jornada para o autoconhecimento. É um filme tão gostoso quanto uma pipoca em um dia chuvoso.



Quando precisar de motivação para seguir em frente:

O Castelo Animado (2004)

É um dos filmes mais populares do Studio Ghibli, com um enredo divertido e, ao mesmo tempo, inspirador. Nesta história, acompanhamos a personagem Sophie e logo percebemos que ela possui problemas de autoestima. Após ser amaldiçoada pela bruxa da terra abandonada, ela procura o mago mais famoso de sua região, Howl. O filme mostra o crescimento pessoal de cada um dos personagens, servindo de inspiração para aqueles que andam desmotivados e precisam de algum pontapé para seguir em frente.



Quando quiser algo calmo para dormir:

Pompoko - A Grande Batalha dos Guaxinins (1994)

A narrativa carrega um grande peso crítico, pois a história se molda ao redor do conflito entre os guaxinins e os humanos. Devido ao grande volume de cidades crescendo ao redor de locais tomados pela natureza, os animais se sentem ameaçados e inseguros. Para reverter a situação, Pompoko e sua tribo traçam um plano para expulsar as pessoas da cidade, que aproxima-se de seu lar. Apesar de ser um filme que critica as ações humanas, experimente assisti-lo quando quiser uma boa noite de sono.



Mariana Milioni

Verão no mar

Adriático



Em um final de semana monótono, me vi solitária pela primeira vez em muitos dias. Acostumada com a presença constante do meu namorado, que preenchia os sábados e domingos, desprevenida, precisei lidar com uma viagem inesperada dele para a casa dos pais. Não pude acompanhá-lo como sempre fazia e acabei em casa, sozinha e desesperançosa de conseguir ter um final de semana minimamente animado sem ele por perto.

Me perguntei inúmeras vezes o que poderia fazer para melhorar aquele clima pesado e angustiante que me rondava. Pensei instantaneamente no meu refúgio pessoal: filmes do Studio Ghibli. Mas, mesmo que eu não gostasse de admitir, já tinha visto tantas vezes as mesmas narrativas que nenhuma me parecia chamativa na hora. Pensei um pouco mais; tinha alguns filmes que eu não tinha visto até o momento ou que não tinham me chamado tanta atenção, parecendo insignificantes. Eram poucos, cerca de três ou quatro, no máximo. Mesmo assim, resolvi abrir o aplicativo da Netflix na TV, com a esperança de encontrar um título que me salvasse daquele vazio ensurdecedor da solidão que apenas os finais de semana causavam.

Rolei a tela por vários minutos, passando os olhos pelas animações sem acreditar que realmente encontraria algo. Mas ali, perdida dentro de tantos nomes, eu vi: “Porco Rosso: O Último Herói Romântico”. Aquele nome não me era estranho; eu, com certeza, já tinha

ouvido falar sobre essa trama em algum lugar, mas nunca me pareceu boa o suficiente para dedicar algumas horas do meu tempo. De primeira, já imaginei que a história fosse bem clichê, daquelas que você até acha legal, mas que não têm um impacto verdadeiro na sua vida.

Resolvi dar uma chance. Afinal, o que poderia perder? A empolgação de ter algo novo para ver foi tanta que até tomei coragem para estourar uma pipoca e, sentada no sofá da minha casa, com um balde no colo e uma garrafa de água ao lado, apertei o play para começar o filme.

A princípio, era só mais uma obra do Studio Ghibli, mas, no decorrer das cenas, me vi olhando para a tela com um nó na garganta e um sentimento indescritível no peito. O céu sempre azul, os aviões cortando as nuvens como se fossem pintores colorindo uma tela branca, o mar transmitindo aquela sensação de grandiosidade e aquele piloto, o Porco, tão corajoso e ao mesmo tempo tão solitário, exatamente como eu estava naquele momento. Parecia que o filme conversava diretamente comigo.

Assistir Porco sobrevoar o mar Adriático ascendeu dentro de mim uma vontade absurda de me jogar no mundo, sem medo de deixar tudo para trás e seguir apenas o que meu coração mandava. Fez-me lembrar de todas as vezes em que me senti presa. Naquele momento, eu estava passando por um forte dilema acerca do meu futuro; já não sabia mais se estava feliz com a

minha escolha de profissão, sentia-me amarrada ao curso devido a diversas questões pessoais que não me deixavam simplesmente desistir.

No filme, Porco era um humano com aparência de animal, mas não tinha receio de ser daquela forma, mesmo que a diferença fosse óbvia. Ele traçava aventuras com os personagens, não tinha um pinga de medo correndo nas veias e era corajoso como um leão. Com tantos sentimentos borbulhando em meu peito, assisti a tudo sem mal piscar os olhos, prestei atenção em cada detalhe, apaixonei-me pelos personagens e senti saudades de todas as aventuras retratadas na animação.

No final, quando Porco some e Fio diz: “O Sr. Curtis (rival do Porco no filme) ainda não é presidente, mas nos escreve para dizer que sente saudade daquele verão no mar Adriático”, senti uma dor no coração, como se realmente tivesse me teletransportado e vivenciado tudo junto com eles. A nostalgia e a falta do passado são sentimentos que regularmente me assolam; percebi a presença deles no filme e acho que foi o ponto mais alto de toda a minha experiência. Com certeza, após ver os créditos subirem na televisão, eu também fiquei com saudades daquele verão no mar Adriático.

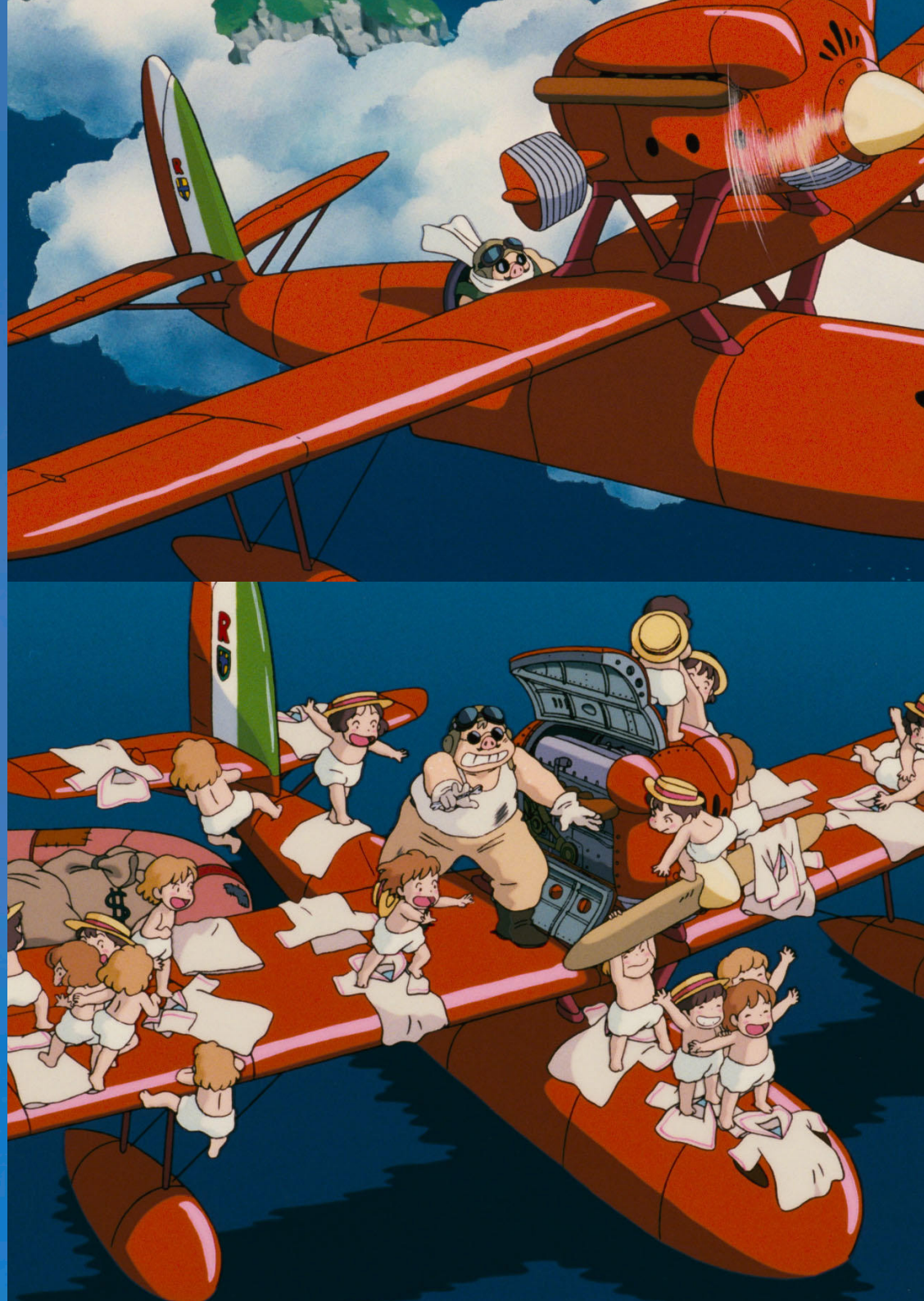
Depois que finalizei, percebi que não se tratava de uma história clichê sobre aviões ou algo do gênero. Para mim, Porco Rosso: O Último Herói Romântico era sobre encontrar coragem em si

mesmo, ainda que isso signifique voar sozinho. Refleti sobre esse significado por alguns minutos, sem acreditar ainda que um filme tão bom estivesse invisível aos meus olhos durante tanto tempo.

Consegui sentir o sopro de liberdade dos personagens me dando forças para pensar melhor sobre o meu futuro e o meu lugar no mundo. A presença de Porco ainda estava fresca na minha mente e aquele sentimento de solidão de final de semana assustador pareceu ficar pequeno. Agradei o imprevisto que me forçou a ficar sozinha e sorri, pensando no título do filme: o Porco era mesmo um herói.

紅の豚

Porco Rosso



Atenção:

Todas as imagens referentes aos filmes do Studio Ghibli presentes nessa revista foram retiradas das obras originais estúdio, disponibilizadas nos serviços de streaming e no site oficial do estúdio.



